ReGeo ISSN: 2177-3246

BOLETIM CULTURAL DA GUINÉ "PORTUGUESA": CENTRO DE ESTUDOS E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO COLONIAL (1945–1973)

CULTURAL BULLETIN OF PORTUGUESE GUINEA: CENTER FOR STUDIES AND PRODUCTION OF COLONIAL KNOWLEDGE (1945–1973)

BOLETÍN CULTURAL DE GUINEA "PORTUGUESA": CENTRO DE ESTUDIOS Y PRODUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO COLONIAL (1945–1973)

https://doi.org/10.56238/revgeov17n9-204

Data de submissão: 15/08/2026 **Data de publicação:** 29/09/2026

Adilson Victor Oliveira
Doutor em História Social
Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC)
E-mail: adilsonvictoroliveira@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o contexto da criação da imprensa colonial portuguesa na Guiné, denominada de Boletim Cultural da Guiné "Portuguesa" (BCGP), criado em 1945 e extinguida em 1973 pelas novas autoridades guineenses, após a independência contra o regime colonial português. Analisou-se o papel político dessa imprensa colonial na divulgação das pesquisas orientadas pelo projeto colonial de Portugal e demais países europeus. Parte desta reflexão já tinha sido publicado na dissertação de mestrado em 2021, sobretudo, a respeito das produções feitas sobre a Senegâmbia, etnias da atual Guiné-Bissau e Casamansa durante os anos da colonização. Diante disso questiona-se até que ponto a criação, coleta e difusão das publicações da imprensa colonial Boletim Cultural da Guiné "Portuguesa" (BCGP) contribui na atual crítica dos pesquisadores, particularmente, dos historiadores a respeito das publicações feitas sobre as regiões citadas? Para este estudo adota-se a pesquisa qualitativa, de natureza histórica e documental, tendo como principal corpus documental o Boletim Cultural da Guiné "Portuguesa", publicado no contexto da atuação do Centro de Estudos da Guiné "Portuguesa" na África ocidental. Aliás, a análise concentra-se no complexo funcionamento e nos textos que abordam aspectos históricos, sociais, culturais, religiosos, econômicos e políticos dos povos da Guiné "Portuguesa" durante quase três décadas de funcionamento de BCGP. Isso possibilitou-nos o levantamento, seleção e análise de alguns artigos publicados no BCGP, considerando seus autores, temas e contexto de produção. Conclui-se que a Guiné "Portuguesa", foi um projeto colonial mal executado e mal adaptado dentro da lógica colonial, particularmente, quando analisado a pretensão colonial de inserir completamente os nativos sob o jugo colonial ou no "Grande Projeto Civilizador do império português. Esta conclusão nos permite entender a forte resistência dos nativos contra a invasão colonial, mas também, a própria proteção das suas práticas culturais e espirituadades durante as pesquisas dos investigadores de BCGP.

Palavras-chave: Regime Colonial. Boletim Cultural da Guiné "Portuguesa". Produção do Conhecimento.

ABSTRACT

This article aims to analyze the context of the creation of Portuguese colonial press in Guinea, called the Cultural Bulletin of Portuguese Guinea (BCGP), created in 1945 and abolished in 1973 by the new Guinean authorities after independence from Portuguese colonial rule. The political role of this colonial press in disseminating research guided by Portugal's colonial project and other European countries was analyzed. Part of this reflection had already been published in the master's dissertation

in 2021, especially regarding the productions made about the Senegambia, ethnic groups of current Guinea-Bissau and Casamance during the years of colonization. Given this, the question arises: to what extent does the creation, collection and dissemination of publications from the colonial press Cultural Bulletin of Portuguese Guinea (BCGP) contribute to current criticism by researchers, particularly historians, regarding publications made about the cited regions? For this study, qualitative research of a historical and documentary nature is adopted, having the Cultural Bulletin of Portuguese Guinea as the main documentary corpus, published in the context of the Center for Studies of Portuguese Guinea in West Africa. Moreover, the analysis focuses on the complex functioning and texts addressing historical, social, cultural, religious, economic and political aspects of the peoples of Portuguese Guinea during almost three decades of BCGP operation. This made it possible to survey, select and analyze some articles published in BCGP, considering their authors, themes and production context. It is concluded that Portuguese Guinea was a poorly executed and poorly adapted colonial project within colonial logic, particularly when analyzing the colonial pretension to completely insert the natives under colonial rule or in the "Great Civilizing Project of the Portuguese empire. This conclusion allows us to understand the strong resistance of the natives against colonial invasion, but also their own protection of their cultural and spiritual practices during the research of BCGP investigators.

Keywords: Colonial Rule. Cultural Bulletin of Portuguese Guinea. Knowledge Production.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar el contexto de la creación de la prensa colonial portuguesa en Guinea, llamada Boletín Cultural de Guinea "Portuguesa" (BCGP), creado en 1945 y abolido en 1973 por las nuevas autoridades guineanas tras la independencia del dominio colonial portugués. Se analizó el papel político de esta prensa colonial en la difusión de investigaciones guiadas por el proyecto colonial de Portugal y otros países europeos. Parte de esta reflexión ya había sido publicada en la disertación de maestría en 2021, especialmente respecto a las producciones realizadas sobre la Senegambia, grupos étnicos de la actual Guinea-Bissau y Casamance durante los años de colonización. Ante esto, surge la pregunta: ¿hasta qué punto la creación, recopilación y difusión de publicaciones de la prensa colonial Boletín Cultural de Guinea "Portuguesa" (BCGP) contribuye a la crítica actual de investigadores, particularmente historiadores, respecto a publicaciones realizadas sobre las regiones citadas? Para este estudio se adopta la investigación cualitativa de naturaleza histórica y documental, teniendo el Boletín Cultural de Guinea Portuguesa como principal corpus documental, publicado en el contexto del Centro de Estudios de Guinea Portuguesa en África Occidental. Además, el análisis se centra en el funcionamiento complejo y los textos que abordan aspectos históricos, sociales, culturales, religiosos, económicos y políticos de los pueblos de Guinea Portuguesa durante casi tres décadas de operación del BCGP. Esto permitió encuestar, seleccionar y analizar algunos artículos publicados en BCGP, considerando sus autores, temas y contexto de producción. Se concluye que Guinea Portuguesa fue un proyecto colonial mal ejecutado y mal adaptado dentro de la lógica colonial, particularmente al analizar la pretensión colonial de insertar completamente a los nativos bajo el dominio colonial o en el "Gran Proyecto Civilizador del imperio portugués. Esta conclusión nos permite entender la fuerte resistencia de los nativos contra la invasión colonial, pero también su propia protección de sus prácticas culturales y espirituales durante la investigación de los investigadores del BCGP.

Palabras clave: Régimen Colonial. Boletín Cultural de Guinea "Portuguesa". Producción del Conocimiento.

1 INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo analisar o contexto da criação da imprensa colonial portuguesa na Guiné, denominada de Boletim Cultural da Guiné "Portuguesa" (BCGP), criada em 1945 pela administração colonial na Guiné e extinguida em 1973 pelas novas autoridades guineenses após a independência contra o regime colonial português. Neste artigo analisou-se detalhadamente o papel político da mesma imprensa na divulgação das pesquisas orientadas dentro do macro projeto civilizador colonial. Parte desta reflexão já tinha iniciada durante a pesquisa de mestrado que possibilitou a coleta de informações a respeito de BCGP, assim como da publicação de uma parte desta reflexão em 2021, permitindo novas reflexões e abordagens a respeito dos vieses colonialistas perpetrados em nome da produção acadêmica sobre os nativos e suas culturas.

A imprensa colonial Boletim Cultural da Guiné Portuguesa foi um instrumento de propaganda colonial, manipulação, exaltação da superioridade racial e cultural portuguesa, mas também, de produção e circulação de "conhecimentos" sobre o povo nativo, suas culturas, religiões e territórios, sobretudo, da imposição, da assimilação e inserção nos moldes da administrada colonial Portuguesa, que obrigava os nativos a adotar a cultura portuguesa como superior e civilizado. Esta pratica resultou em uma canção amplamente conhecida entre os nativos de "Katibu na rema, sinhora na djungu", que significa, o cativo rema o barco, enquanto senhor cochila. Ou seja, ironicamente, referindo a violência perpetrado pelo regime, que obrigava os nativos à trabalho forçado, cobranças e saques das suas produções agrícolas e aculturação como mecanismo de mudança de statu quo social.

Por incompreensível que pareça, a relação entre portugueses e guineenses remonta a séculos. De acordo com as fontes consultadas por Américo Campos (2012), a presença portuguesa no território da atual Guiné-Bissau remonta à primeira metade do século XV, mais precisamente a 1446, quando os navegadores desembarcaram na costa africana. Inicialmente a relação era marcada pelos contatos com o território e suas autoridades e, posteriormente, pela intensificação das relações comerciais e pela instalação de feitorias, exemplo da cidade de Cacheu no norte (ESTEVES, 1988; Oliveira, 2025). Portanto, essa relação vai complexificando ao longo dos séculos, transformando-se em intensos conflitos, resistências, escravidão, colonização e descolonização. Todo esse processo foi acompanhado pela consolidação e institucionalização do domínio colonial português que criou as condições para a produção de diferentes instrumentos de representação e legitimação do poder colonial contra os nativos, entre os quais se destaca o Programa Guiné Melhor e o Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (BCGP).

Numa análise mais aprofundada, concluirá que a Guiné "Portuguesa", foi um projeto colonial mal executada e mal adaptada dentro da lógica colonial, isso, ao fazer uma comparação com outras

colônias como Angola, Moçambique e Cabo Verde, principalmente, quando analisado as pretensões do regime colonial de inserir completamente a Guiné no jugo colonial ou no "Grande Projeto Civilizador do império português. O regime criava uma forma de domínio e controle populacional, além da exploração dos recursos naturais e humanos, mas também, a manipulação e divisão para melhor reinar que era praticamente, a forma de atuação do colonialismo, mas que não funcionou como pretendido pelo império.

Para Lopes (1999, p. 19) o colonialismo sempre enfrentou obstáculos para a sua afirmação enquanto regime colonial dominante, um fato reconhecido pela historiografia guineense. O autor justifica afirmando que "[...] os Portugueses e outros europeus tiveram muitas dificuldades em impor a sua ordem". O autor destaca inda que essa impossibilidade ocorreu durante todo o período da presença da administração colonial. Já para Peter Karibe Mendy, só em 1915 que os colonos conseguiram dominar completamente a parte continente, mas com forte apoio dos nativos assimilados (Mendy, 1993, p.4), que era uma pratica colonial de dividir para melhor ter controle e mandar.

Diante disso questiona: até que ponto a criação, pesquisa, coleta e difusão das publicações da imprensa colonial Boletim Cultural da Guiné "Portuguesa" (BCGP) contribui na atual crítica dos pesquisadores a respeito das publicações feitas sobre a mesma região? Para este estudo adota-se a pesquisa qualitativa, de natureza histórica e documental, tendo como principal corpus documental o Boletim Cultural da Guiné "Portuguesa" (BCGP), publicado no contexto da atuação do Centro de Estudos da Guiné "Portuguesa". Aliás, a análise concentra-se no funcionamento e nos textos que abordam aspectos históricos, sociais, culturais, religiosos, econômicos e políticos dos povos da Guiné "Portuguesa" durante quase três décadas de funcionamento de BCGP. Isso possibilitou-nos o levantamento, seleção e análise dos alguns artigos publicados no BCGP, considerando seus autores, temas, contextos de produção, principalmente, as analisados no mestrado que possibilitou um profundo conhecimento das produções de BCGP.

As análises das fontes foram feitas de forma crítica, considerando que parte significativa das documentações foram produzidas por agentes vinculados, direta ou indiretamente, à administração colonial portuguesa na Guiné. Nesse sentido, os textos não foram utilizados apenas como registros descritivos, mas também como documentos que permitiram compreender as formas pelas quais o colonialismo produziu, classificou e representou conhecimentos sobre os povos e territórios sob seu domínio. Essa perspectiva crítica permitiu compreender o BCGP não apenas como instrumento de divulgação científica e cultural ideológico, mas também como parte do projeto e das estratégias de produção de conhecimento e legitimação do domínio colonial português na África.

2 PROGRAMA GUINÉ MELHOR E BOLETIM CULTURAL GUINÉ "PORTUGUESA"

Nos últimos anos da colonização portuguesa na Guiné, o governo colonial diante dos fracassos e da continua falta de efetiva colaboração dos nativos, tenta-se implementar novas reformas naquele território. As iniciativas tinham como objetivos ampliar o controle sobre as populações nativas, justificando-se como ações de promoção da integração nacional e cultural por meio de projeto que denominava de “políticas públicas” ou melhor, o programa: Problemas e Perspectivas do Desenvolvimento Rural na Guiné, mas adiante este programa ficou conhecido entre os nativos como “Programa Guiné Melhor ou Programa Guiné Melhor” e foi liderado pelo então governador-geral António Spínola, representante do Governo Central, e pelo capitão-tenente Manuel Maria Sarmento (DJAU, 2019, p. 166).

No mesmo contexto da política de integração nacional e cultural, foram criados o BCGP, museu e Centro de Estudos. Convicto na superação de isolamento que já sofrera por parte dos nativos, o governo colonial decide realizar conjunto de celebrações a respeito do quinto centenário da presença portuguesa na Guiné, como forma de exaltação da cultura portuguesa e reforçar a narrativa de “bom pai”, expressão conhecida entre os nativos da época.

Foi nesse contexto que o governo colonial criou o BCGP, em 21 de julho de 1945. Cinco meses mais tarde, o então governador capitão-tenente Manuel Maria Sarmento Rodrigues cria o Centro de Estudos da Guiné “Portuguesa”. Tais iniciativas embora trouxessem algumas mudanças de ponto de vista das manutenções das redes econômicas, das interações entre nativos e pesquisadores, assim como de novas infraestruturas, principalmente, na cidade de Bissau e em algumas regiões fundamentais para o regime colonial, não deixam de enfrentar resistências, uma vez que os nativos eram forçados ao trabalho compulsório, praticamente, a mão-de-obra escrava, resultante em violências, torturas e apreensão dos trabalhadores que resistiam a nova ordem de integração do regime colonial que veio a culminar com o massacre no Porto de Pindjiguiti em Bissau à 3 de agosto de 1959 (Oliveira, 2021; Balde, 2020).

A criação de BCGP e de Centro de Estudos num momento em que as massas camponesas reivindicavam das cobranças de impostos e preços dos produtos exagerados, trabalhos forçados, desapropriação das suas terras e sobretudo da resistência que vem aumentando em diferentes localidades do território guineense levou a administração colonial ao criar novas infiltrações dos agentes secretos de informação, junto as comunidades, isto é, a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) criada em 1945, pelos líderes do regime colonial, António de Oliveira Salazar e continuado por Marcello Caetano. Essa estrutura passou a atuar como polícia secreta na colônia de Guiné “Portuguesa”, reforçando a perseguição, a tortura e apreensões dos nativos.

Para PAIGC (1974) a PIDE foi um instrumento de violência e que apoderou das circunstâncias das fragilidades e do escasso das violências coloniais para fragmentar ainda mais os nativos para assim melhor reinar sobre eles. De certa forma, isto explica o argumento de Lopes (1999) sobre a perda de controle do governo colonial em Guiné, pois a criação de imprensa, centros de estudos e novos programas para infraestrutura da colônia e da PIDE, explica essa realidade, mas também, abre novo entendimento sobre como a imprensa colonial não foi capaz de explicar esse cenário nas edições publicadas no BCGP até 1973.

Os acervos de BCGP estão atualmente digitalizados e disponíveis na plataforma da Casa Comum, da qual, utilizamos para este estudo. De acordo com a mesma plataforma (A plataforma Casa Comum disponibiliza a reprodução e descrição de documentos custodiados pela Fundação Mário Soares, assim como de documentação existente em outros arquivos, organizações e instituições parceiras que integram o projeto. Pretende-se dar acesso centralizado a catálogos e outros instrumentos de descrição de fundos e coleções, permitindo a pesquisa simultânea de documentos de diferentes proveniências e potencializando a descoberta de complementaridades e relações entre eles. Disponível em: http://casacomum.org/cc/arquivos. Acesso em: 14/08/2026.) , a criação do Centro de Estudos da Guiné "Portuguesa" ocorreu no contexto das comemorações oficiais do V Centenário da Descoberta da Guiné:

> O Centro de Estudos da Guiné Portuguesa surge na sequência das comemorações do V Centenário da Descoberta da Guiné, que decorreram de 23 de julho de 1945 a 31 de outubro de 1947. Num esforço de desenvolvimento da colónia a que não é alheia a tomada de posse do novo governador, o Capitão Tenente Manuel Maria Sarmento Rodrigues, posteriormente Ministro das Colónias/Ultramar, é no âmbito destas que, a 13 de dezembro de 1945, é criado o referido Centro, cujo objetivo era o de «promover o desenvolvimento cultural da Guiné Portuguesa, proceder à organização do «Museu da Guiné Portuguesa» e dirigir a publicação do «Boletim Cultural da Guiné Portuguesa». (CASA COMUM, 2020).

A criação do Centro de Estudos e do BCGP da Guiné deve ser compreendida dentro de um contexto histórico de muita tensão entre as partes, isto é, os nativos e os colonos. Para isso, no lançamento do BCGP, Marcelo Caetano, então ministro das colônias, afirmou que a criação da publicação representava um passo significativo para os povos da Guiné "Portuguesa", no sentido de sua adequação ao mundo literário, científico e artístico, o que permitiria o desenvolvimento dos valores associados ao saber ler e escrever em língua portuguesa.

Percebe-se que este discurso expressava igualmente a intenção de instituir uma política cultural portuguesa (PÉLISSIER, 1997), a partir da qual se pudesse pensar e "formatar" os nativos da Guiné "Portuguesa", ou seja, no contexto colonial, um dos critérios utilizados para definir os nativos como

civilizados era saber ler e escrever correto o português, ser alfabetizado e estar socializado com a cultura portuguesa.

Para Victor Andrade de Melo (2017), no período da criação do BCGP já existia o jornal Arauto, criado pela Igreja Católica em 1943, na ilha de Bolama dos Bijagós, antiga capital da colônia, posteriormente transferida para Bissau. Seu foco de atuação era religioso, mas tinha sua colaboração com o governo colonial, mantendo sua produção até 1968. O regime colonial não distanciava da igreja, aliás, a igreja era parte do "Grande projeto colonial" e civilizador, pensado para moldar os nativos para afim de se adaptarem as exigências do regime, por meio de catequese, batismo que permitia mudar os nomes e sobrenomes dos nativos, nomes das suas comunidades e em casos extremos, nomes da etnia, como ocorreu com os brames ou Mancanhas.

O Boletim Cultural da Guiné Portuguesa teve uma duração de 28 anos de produção, isto é, de 1945 a 1973 da qual publicou 110 números entre edições regulares e algumas excepcionais de acordo com suas políticas internas. Durante os longos anos de funcionamento, as publicações do BCGP abrangeram diferentes temáticas da vida dos nativos, suas culturas, economia, política, espiritualidades, mas também a respeito da metrópole e de agentes coloniais em Guiné.

Dessa forma, embora tenha esse caráter colonial, o BCGP constitui uma importante fonte para o estudo da história da Guiné no pós-independência. Entretanto, sua utilização como fonte histórica exige uma leitura crítica, uma vez que grande parte dos textos foi produzida no contexto da administração colonial e por autores vinculados a instituições ou atividades relacionadas ao colonialismo.

A partir da independência da atual Guiné-Bissau ocorrida em 24 de setembro de 1973 e reconhecida por Portugal um ano depois, as novas autoridades reformularam o BCGP e foi integrado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas da Guiné-Bissau (INEP), posteriormente criado.

3 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E O BOLETIM CULTURAL DA GUINÉ "PORTUGUESA"

A Conferência de Berlim realizada entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885, mudou tudo e criou tudo. Mudou regras e condições para os países europeus interessados em manter colônias em África. As exigências faziam parte das resoluções finais da mesma conferência, da qual, uns dos pontos das obrigações era que os países interesses em colônias manterem uma ocupação efetiva do território, e isso requer, definir a extensão territorial que próprio regime colonial teria que administrar; manter a efetivo controle capaz de dirigir a totalidade do território e manter relação com outros países colonos, isso incluiria intercambio, trocas comerciais entre outras atividades. Para Esteves (1988), Portugal e

França foram obrigados à chegar a um acordo sobre as fronteiras da Guiné "Portuguesa", Guiné Conacri e Senegal que inclui Casamansa.

Portugal reestrutura sua administração em Guiné, cria impostos de palhotas, inaugura Centro de Estudos e cria o BCGP como resposta as deliberações da Conferência de Berlim. Foi nessa altura que criou a força tarefa PIDE e o programa Problemas e Perspectivas do Desenvolvimento Rural na Guiné. Mas também, crias mais escolas e oportunidades de bolsas de estudos para metrópole-Portugal.

Para Fafali Koudawo

> Desde o início da conceptualização da sua ação colonial, Portugal proclamou a assimilação como princípio e objetivo da sua presença ultramarina. Porém, instituiu em 1926 duas categorias distintas de colonizados, os indígenas e os assimilados ou civilizados, e criou as bases de uma escola seletiva, fortemente discriminatória, cujas estruturas rigidamente hierarquizadas e mutuamente pouco permeáveis eram o Ensino rudimentar e mais tarde o Ensino de adaptação, destinados aos indígenas; o Ensino primário, reservado aos civilizados (filhos de colonos ou de assimilados), que tinham o direito exclusivo de acesso ao Ensino secundário, cujo primeiro e único liceu oficial nasceu tardiamente em 1958. (koudawo, 1996, p. 70)

Os cinco séculos da presença colonial na Guiné, o regime colonial só formou 14 pessoas com diplomas universitários (koudawo, 1996), o que explica em parte o cumprimento das recomendações da Conferência de Berlim em se estabelecer no território e isso exige mais mão-de-obra qualificadas para trabalhar na administração colonial, uma vez instalados no território.

As regiões e aldeias passaram por novas reconfigurações políticas e territoriais, como foi o caso da troca dos territórios de Casine que ficou para Guiné "Portuguesa" enquanto a região de Casamansa passa para Senegal. E, inicia-se a construção de estradas, saneamento e urbanização das cidades e estradas novas, os meios de transportes, criação de pequenas indústrias, hospitais e escolas.

Para Mendy (1993, p. 23) "O sistema de transportes rodoviário desenvolvido na época colonial foi desenhado principalmente para facilitar o escoamento dos produtos para exportação". Isso explica em parte a continua resistência, mesmo tendo esse pequeno investimento na Guiné, pois a intenção era a mesma, a de manter os nativos sob cativeiro e explorar os recursos, sem interesse de investimento regional. Recordar que os nativos eram proibidos de deslocar a outras regiões sem uma previa autorização da administração colonial.

Embora tenha havido essa pequena mudança no sistema colonial, quando comparados com outras colônias, como Angola e Moçambique, onde foram construídas estradas de ferro e desenvolvidas atividades industriais (NETO, 2005), percebe-se que pouco se fez na Guiné durante os 500 anos da presença portuguesa naquele território. Diferentemente do BCGP que atuou significativamente na pesquisa e divulgação das produções entre os letrados da época, o que exclui

maioria da população, uma vez que, até final da colonização a Guiné contava apenas com 14 pessoas formadas em nível superior e restantes, talvez apenas até 4º ano da escolaridade da era colonial ou nível inferior a este.

O uso das produções cientificas do BCGP praticamente eram para servir os oficiais militares e altos funcionários da administração portuguesa, de um lado, e de outro, para a metrópole, sobretudo a respeito da continua manutenção de domínio colonial (Oliveira, 2021).

Na nota à imprensa publicada no BCGP em 1945, o ministro das Colônias, Marcelo Caetano, afirmou que a presença da revista ocorria em um momento propício e que sua contribuição para a publicação de novos estudos sobre a Guiné permitiria que esses conhecimentos fossem divulgados para um público maior na metrópole, possibilitando o conhecimento daquilo que era apresentado como "civilização portuguesa" na Guiné e na África Ocidental.

Nesse sentido, Marcelo Caetano afirmou:

> Que esta revista seja, a partir de hoje, o registo fiel de um progresso incessante, a crônica nova da conquista da Guiné para a civilização e para a ciência, sempre dentro das concepções tradicionais da política colonial que soube casar a fé e o império: — a necessidade do mando com a fraternidade cristã! (CAETANO, 1946, p. 7).

Esta afirmação evidencia a relação entre produção de conhecimento, administração colonial e discurso civilizatório amplamente divulgado para os nativos. A ideia de conquista da Guiné para a civilização e para a ciência não pode ser dissociada das concepções políticas que orientavam a presença portuguesa no território a 500 anos, ele justificava essa presença e toda a estrutura colonial se baseia na premissa da superioridade aos nativos (Koudawo, 1996; Mendy, 1993).

Pode-se destacar por exemplo, a colaboração e o papel desempenhado pelos assimilados, que apesar de constituírem um grupo numericamente reduzido participaram ativamente no projeto colonial, principalmente, nas pesquisas e na divulgação de conhecimentos sobre as culturas locais, e da cultura dos colonialistas. O BCGP foi criado exatamente para esse objetivo de fazer os nativos celebrar o pertencimento à nação portuguesa (Koudawo, 1996).

A comunicação realizada em 1º de janeiro de 1947, na qual o governador Sarmento Rodrigues discursava para os nativos da Guiné, explica essa lógica ao afirmar que "nesta terra portuguesa há união de almas e boas vontades, há trabalho, há sacrifício, há entranhado amor ao engrandecimento de Portugal" (FONSECA, 2016, p. 129). Tratava-se de uma forma de exaltação dos valores da metrópole em detrimento dos diferentes grupos étnicos existentes no território colonizado, frequentemente classificados a partir de uma hierarquia que colocava os europeus em posição superior e negava toda

a forma de manifestação cultural dos nativos que eram subjugados e muitas vezes, demonizados suas práticas culturais e espirituais.

4 AS FONTES E AUTORES DO BCGP

O BCGP é uma fonte escrita primária para os estudos atuais dos cinco séculos da presença colonial em Guiné. Ele constitui uma base para nossas pesquisas quando utilizados os documentos escritos, ainda que isso seja feita cautelosamente, considerando o tempo histórico da sua produção e dos agentes envolvidos na pesquisa, coleta e análises dos dados resultantes nas publicações feitas no BCGP. Esse cuidado é particularmente necessário, uma vez que o BCGP cumpriu a missão para qual foi criada, que era de divulgar os conhecimentos portuguesa e explorar as realidades culturais, políticas, econômicas e sociais dos nativos para continuar a justificar a superioridade portuguesa, explorar seus territórios, escravizar e apropriar-se das suas terras.

Nesta condição, os pesquisadores que constituíram as fontes que exploramos atualmente no BCGP não foram voluntários, mas sim, faziam parte do próprio sistema colonial. Muitos eram militares, funcionários da administração, colaboradores. Alguns eram portugueses nascidos em Portugal ou nascidos nas colônias, enquanto outros eram assimilados africanos.

Uma das exigências para um nativo de Guiné ou Cabo Verde se tornar um pesquisador era aceitar a condição da superioridade racial e cultural portuguesa sobre as suas culturas e raça. Entende-se que o problema não está necessariamente na intenção dos pesquisadores de forma individual ou coletivo, mas no campo institucional em que o conhecimento era produzido, selecionado e publicado no BCGP, pois é nesta lógica que as publicações do BCGP subordinavam as experiências culturais "guineense" aos referenciais epistemológicos do regime colonial portuguesa, produzindo representações marcadas por classificações étnicas ou assimilacionistas. Desta forma contribuindo significativamente na fragmentação das etnias e fortificação da estrutura colonial, que funcionava sob o regime de dividir para reinar (WESSELING, 2008).

Para Wesseling (2008), uma das estratégias do colonialismo na África era de dividir para melhor reinar. Na análise do autor percebe o modo operandi do regime, que tanto assimila alguns nativos para se tornarem opressores nas suas próprias comunidades, assim como nas pesquisas publicadas no BCGP a respeito das suas manifestações culturais e religiosas.

Nossa análise não se justifica só pela crítica da falta da transversalidade correlação a realidade social, cultural, econômica e política dos nativos ou de um certo distanciamento em pesquisa, coleta e análises dos dados resultantes das pesquisas feitas nessa época, mas também, do ponto de vista acadêmico, evidencia-se a ausência de rigor científico por parte da imprensa colonial da época, cujas

publicações eram atravessadas por subjetividades e interesses que contribuíam para justificar os objetivos do projeto colonial.

Os estudos de Diallo e Fernandes (2011) sobre os conflitos nas regiões onde povoam os Felupes e Diolas (região de Casamansa no Senegal e região de Cacheu, Guiné-Bissau), a dissertação de Bayan (2010) sobre a insegurança alimentar com os mesmos grupos, ou a dissertação de mestrado realizada com o grupo étnico Mancanha/Brame sobre o ritual de transição *Toca-tchur*, entre a Guiné-Bissau e Senegal, pela Lenilda da Costa Lima Oliveira em 2024, somados às nossas próprias experiências de pesquisa de campo iniciados desde 2018, evidenciam a dificuldade de acesso a informações sobre determinados aspectos culturais dos grupos étnicos, principalmente, aqueles relacionados ao sagrado e aos conhecimentos reservados aos anciões ou pessoas iniciadas das mesmas comunidades.

Essa constatação nos leva a problematizar as produções realizadas no contexto colonial, particularmente citando três textos como exemplo. O texto de António da Cunha Taborda publicado em BCGP em 1950, intitulado de *Apontamentos etnográficos sobre os Felupes de Susana*, no qual o autor aborda series de questões sobretudo dos aspectos relacionados à história de vida e suas relações com o sagrado, questões de circuncisão (fanado), cerimônias ritualísticas sagrados, danças, casamento, espiritualidades entre outras práticas; ou o texto de Teixeira da Mota, intitulado *A agricultura de Brames e Balantas vista através da fotografia aérea* (1950); o texto *A Guiné no último quartel do século XIX,* de autoria de Fausto Duarte (1953), ambos disponível no BCGP.

Estas e outras publicações do BCGP embora constituam importantes fontes históricas, devem ser analisados criticamente, considerando as relações de poder que atravessavam a produção do conhecimento colonial e a possibilidade de que determinadas informações tenham sido obtidas mediante pressão ou constrangimento para com os nativos que em muitas ocasiões do período colonial, eram obrigados a cumprir ordens coloniais.

Há sempre dificuldade de acesso aos saberes, rituais e espiritualidades dos grupos étnicos na Guiné ou na África ocidental de maneira geral, não é apenas uma característica das pesquisas atuais, e isso revela um problema metodológico das produções coloniais, nas quais a relação de poder entre pesquisador e população nativa pesquisada podia interferir na informação coleta nessa época.

Assim, entende-se que, mais do que tomar esses textos como descrições neutras das culturas das etnias na Guiné na era colonial, é necessário interrogá-los quanto às condições, aos métodos e às relações de poder que possibilitaram sua produção. É preciso reconhecer que estas produções foram feitas em um determinado historicidade e que sua análise deva considerar essas circunstancias. Papel do historiador é questionar e interrogar as fontes como mecanismo de entender o não dito ou

compreendido. O BCGP é assim entendido como fonte da produção colonial portuguesa na África ocidental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por força das resoluções da Conferência de Berlim, Portugal definiu a fronteira continental da Guiné em 36. 125 km, realizou troca de território com a França, além das divisões administrativas em províncias, regiões e sectores, assim como a criação de mapa.

Ao considerar todos esses aspectos de ponto de vista dos vestígios deixados pela colonização portuguesa, considera-se duas importantes situações: a presença portuguesa durou 500 anos e só saiu após 11 anos de luta armada liderada pelo movimento Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), de 23 de janeiro de 1963 a 24 de setembro de 1973; o movimento que mobilizou e conduziu a luta se fortificou devido a sucessivos relatos de violências praticada pelo poder colonial, principalmente, durante a implementação do Programa: Problemas e Perspectivas do Desenvolvimento Rural na Guiné, que tempos depois culmino com o massacre de Pindjiguiti em 3 de agosto de 1959 em Bissau.

Entende-se que, as condições pelas quais o BCGP foi criado resulta numa situação de descaso pelo poder colonial dos sinais evidentes demonstrados pelos nativos em relação a sua presença e gestão do território. As pesquisas, coletas, análises dos dados dos inquéritos, principalmente, as etnográficas e na sua maioria, estudos interdisciplinares explica essa negação e ou desconhecimento da própria realidade “guineense”, uma vez que, as etnias raras vezes se dispõem a explicar fielmente sobre seus rituais e práticas espirituais.

Perante isso, conclui-se que apesar de BCGP publicar mais de 110 números, é uma importante fonte de pesquisa atualmente, mas analisado a partir de seu próprio contexto histórico.

REFERÊNCIAS

BALDÉ, Calido. A Investigação Criminal na Polícia de Ordem Pública da Guiné-Bissau os novos desafios da criminalidade. Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, Lisboa, 2020

BAYAN, Lúcia Maria Teixeira Lopes do Rêgo. Autoridades tradicionais, insegurança alimentar e gestão de recursos: um estudo de caso no Reino Felupe de Suzana (Guiné-Bissau). Dissertação, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2010

CAETANO, Marcello. Uma crônica nova da conquista da Guiné. Boletim Cultural da Guiné Portuguesa: Cultura e Informação, Volume-1, 1946. Disponível em: http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N001- N004&p=7. Acesso em: 13/08/2026

DIALLO, Mamadou Alpha; FERNANDES, Lito Nunes. O conflito de Casamansa: uma questão de segurança regional na Senegâmbia. Tensões Mundiais, v. 7, p.117-136, 2011

DJAU, Mamadu Alfa. A Guiné-Bissau em face do processo de integração econômica e monetária na África ocidental: contemplando a integração regional como instrumento de promoção do desenvolvimento. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Santa Catarina, 2019

DUARTE, Fausto. A Guiné no último quartel do século XIX. Boletim da Cultural da Guiné Portuguesa, Portugal, 1953, vol. VIII, nº29. p. 113-150

ESTEVES, Maria Luísa. A Questão do Casamansa e a Delimitação das Fronteiras da Guiné. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1988

FONSECA, Isadora Ataíde. Dilatando a fé e o império: a imprensa na Guiné no colonialismo (1880-1973). In: Teresa Mendes Flores e Ana Cabrera (Org.). Média e Colonialismo (s). Revista do centro de investigação média e jornalismo, N° 29, vol. 16, 2016

FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES. Casa Comum. Centro dos Estudos. Disponível em: . Acesso em: 13/08/2026

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008. cap. 16. p. 161-169

KOUDAWO, Fafali. A independência começa na escola: educação do PAIGC versus educação colonial. In: CARDOSO, Carlos; AUGEL, Johannes (org.). *Guiné-Bissau vinte anos de independência: desenvolvimento e democracia. Balanço e perspectivas*. Bissau: INEP, 1996. p. 67-78

LOPES, Carlos. Kaabunké: espaço, território e poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance pré-coloniais. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999

MELO, Victor Andrade de. Para o bem da nação: usos políticos do desporto na Guiné portuguesa. Lisboa, Análise Social, 225, LII (4º), 2017

MENDY, Peter Karibe. A herança colonial e o desafio da integração. Soronda: Revista de Estudos Guineenses, Bissau, n. 16, p. 3-37, jul. 1993

MOTA, A. Teixeira Da. A agricultura de brames e Balantas vista através da fotografia aérea. Boletim Cultural da Guiné Portuguesa. Vol. V, n° 18 (1950), p. 131-172

NETO, Manuel Brito. História e Educação em Angola: do Colonialismo ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unicamp, Campinas/SP, 2005

OLIVEIRA, Adilson Victor. Cultura e poder em Casamansa: uma leitura sobre a bibliografia colonial da região. Dissertação de mestrado. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, Redenção, 2021

OLIVEIRA, Lenilda da Costa Lima. 2024. 115f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades. Instituto de Instituto de Humanidades (IH), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Redenção, 2024

PAIGC. História da Guiné e ilhas de Cabo Verde. Porto: Ed. Afrontamento, 1974

PÉLISSIER, René. História da Guiné: Portugueses e africanos na Senegâmbia (1841–1936). Tradução de Franco de Sousa. Lisboa: Editorial Estampa, 1997

TABORDA, A. Cunha. Apontamentos sobre os Felupes de Suzana. Lisboa, GRESEA, 1950

WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a partilha da África (1880-1914).* 2. ed. Tradução de Celina Brandt. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Revan, 2008